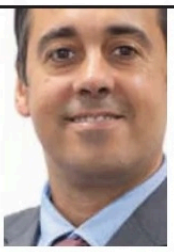


JOSÉ BENTO DA SILVA



PAULO CARMONA



PEDRO BRINCA

A areia que move o mundo

PEDRO BRINCA

Agosto pede leituras de praia, e a minha sugestão é um livro sobre areia. "Chip War" (2022), de Chris Miller, historiador da Universidade Tufts, conta como o silício se tornou o recurso mais disputado do planeta. Miller, especialista em economia soviética, chegou aos semicondutores a tentar perceber por que razão Moscovo perdeu a corrida da computação. O resultado valeu-lhe o prémio de livro de negócios do ano do Financial Times e lê-se como um thriller: da invenção do transístor em 1947 à aposta de Morris Chang que, preterido para a liderança da Texas Instruments, fundou aos 55 anos a TSMC e inventou o modelo de negócio que hoje fabrica os "chips" de quase todos os outros.

O retrato é vertiginoso. Num só ano, a indústria produz mais transístores do que a soma de todos os bens produzidos por todas as outras indústrias em toda a história humana. E toda a cadeia de valor assenta em poucos pilares: a holandesa ASML é a única no mundo que constrói as máquinas de litografia capazes de gravar os "chips" mais avançados; e a TSMC produz a quase totalidade deles, numa ilha que Pequim promete "reunificar". Taiwan fabrica, todos os anos, 37% do novo poder de computação mundial. A China gasta mais a importar semicondutores do que petróleo. E a revolução da inteligência artificial assenta por inteiro nesta cadeia — foi ela que fez da Nvidia a primeira empresa a valer cinco biliões de dólares. "Chips" e energia são o petróleo e o aço deste século.

O livro tem limitações. Miller escreve de um ponto de vista assumidamente americano: trata a política industrial asiática como distorção, desvalorizando que Silicon Valley também nasceu do Estado, das encomendas militares e espaciais. E fechou a redação antes dos controlos de exportação de outubro de 2022, deixando sem resposta a pergunta que levanta: pode esta guerra ganhar-se? Os anos seguintes recomendam ceticismo: a Huawei surpreendeu com um "chip" de 7 nanómetros em 2023, a DeepSeek treinou modelos com chips desenhados à medida das regras e Washington, numa ironia soberba, converteu subsídios em 10% do capital da Intel.

Leiam-no. Não se percebe este século — nem o que se joga no Estreito de Taiwan — sem perceber os "chips". E nunca mais se olha para um grão de areia da mesma maneira. ■

"Raramente pensamos nos 'chips', mas foram eles que criaram o mundo moderno."

CHRIS MILLER
CHIP WAR